

BRASIL-PORTUGAL

1 DE DEZEMBRO DE 1904

N.º 141

Viagem dos Reis de Portugal a Inglaterra



S. M. a Rainha Alexandra



S. M. o Rei Eduardo VII

O «Brasil-Portugal» consagra grande parte d'este numero e do immediato à viagem de S. S. M. M. a Inglaterra, e publica entre as gravuras allusivas, algumas de uma actualidade palpitante, feitas sobre photographias expressamente tiradas pelo seu collaborador J. Benoliel, que tem acompanhado os régios viajantes.

D. Maria 2.^a em Inglaterra

Dona Maria, logo ao entrar na vida, pareceu marcada com o singular condão de ver alternar na sua existencia os mais oppostos contrastes da sorte. Como nos contos em que as fadas interveem, apresentando os recém-nascidos com dons de varia fortuna, consoante as suas afeições ou a sua malquerença, assim se diria ter ella sido apadrinhada. As festas foram lhe sempre precursoras de um luto doloroso. Dia de alegria era para ella a vespera de um dia afflicto. Nasceu a 4 de abril de 1819. Era dia de Ramos. A igreja engrinaldava-se de palmas para a festividade — mas no palacio de S. Christovam do Rio de Janeiro, a alegria da familia foi empanhada logo por uma nova dolorosa e inesperada: a da morte da Rainha de Hespanha, D. Maria Isabel.

O luto, — que abalou a saude de D. Pedro que a essa irmã dedicava a mais entranhada afeição — e a demorada convalescença da mãe, a archiduquesa d'Austria, D. Maria Leopoldina, — demoraram um mez a cerimonia do baptisado. Escolheu-se, por fim, o dia 3 de maio, — para que a festividade coincidissem com a celebração que a igreja faz da Invenção da Santa-Cruz, — o nome primitivo que o afortunado navegador portuguez tinha posto ás terras desconhecidas onde o desvio da rota da India o lançava.

Nada se poupou para abrilhantar o baptisado. Foi o bispo do Rio quem poz os santos oleos. O mordomo-mór, conde de Louzã, levou a princezinha nos braços. Acompanhavam-n'o a camareira-mór, marquez de S. Miguel e a dama D. Ignez da Cunha, depois marquez de Torres Novas. Os padrinhos foram D. João VI e Carlota Joaquina. Serviu de mordomo-mór de el rei o gentil-homem da real camara Antonio Telles da Silva, depois marquez de Rezende. Levavam as insignias — a veste candida, o cirio, o massapão, os marquezes de Lavradio e Torres Novas e o visconde da Asseca. O *Te Deum*, cantado logo depois do baptisado, mereceu menção especial: a musica era uma das composições de D. Pedro; o maestro regente, foi o afamado Marcos Antonio Portugal. (1)

Para se dar prova da satisfação regia abriu-se o cofre das graças e mercês. O numero de mitras distribuidas foi avultado: Fr. Patricio da Silva foi nomeado arcebispo de Evora; Fr. Vicente da Soledade foi arcebispo para a Bahia; o erudito Francisco Alexandre Lobo, bispo para Vizeu; Luiz da Cunha Abreu e Mello, bispo para Beja; José Miranda Coutinho, bispo para Castello Branco e Fr. Manuel Nicolau, carmelita, bispo para Angra. Conjuntamente com estes, receberam graças: Manuel Telles da Silva, priorado mór de Aviz; Fernando Telles da Silva, condado de Tarouca; D. José de Castello Branco, condado de Pombeiro. Os gentis-homens da camara d'el-rei receberam todos a mercê — de se cobrirem nos actos da corte, como grandes do reino.

D. Pedro tinha feito voto de apresentar sua filha na igreja de Nossa Senhora da Gloria, que no Rio goza de grande e miraculoso conceito. Este voto determinou uma nova festividade. Foi em 27 de junho seguinte, — depois da qual a princeza do Grão-Pará, ficou com direito a juntar ao seu nome baptismal o da santa sob cuja protecção era posta: "Maria da Gloria". Foi o nome com que, especialmente no estrangeiro, foi sempre depois conhecida. (2)

Tinha a pequena princeza completado sete annos quando chegaram ao Rio as noticias que iam convulsionar a sua existencia inteira. Foi em 25 de abril de 1835 que se soube alli a morte de D. João VI e se recebeu a informação da regencia testamentaria estabelecida sob a presidencia de D. Isabel Maria, D. Pedro, no intuito de conseguir acalmar todas as paixões... dando satisfação a todos os interesses, adoptou, immediatamente, uma serie de deliberações, todas encaminhadas a facilitar a concórdia geral. Primeiramente, a 27, decretou uma amplissima amnistia para os delictos politicos; depois, a 29, outorgou a carta constitucional, como bandeira para o novo reinado; seguidamente, a 2 de maio, abdicou a corôa em sua filha, ajustando logo casal-a com o irmão Miguel.

Pedro quarto não podendo
Mandar o seu coração,
Mandou joia de igual preço
D. Miguel, o seu irmão.

Assim dizia a cantiga. Assim pensou desvanecer todos os pretextos para as divergencias que eram de recear. Enganou-se, — como se enganaram aquellos que ao ver esta serie de acontecimentos se esqueceram de que a desgraça acompanhava com persistente teimosia a pequena rainha. Com effeito a fada malevola, aquella que a prendara, logo no dia do nascimento, com as tristezas d'um luto de familia, reapareceu implacavel, como a invencivel fatalidade: a mãe, a archiduquesa D. Maria Leopoldina, foi subitamente victimada por um parto desastroso. Foi já n'esta situação, estando já privada do carinho e cuidados maternos, que o imperador, accedendo aos conselhos das cinco grandes potencias, resolveu que sua filha, para garantir devidamente os seus direitos, — como explicavam os diplomatas, — viesse para a Europa. Escolheu-se, — ainda para seguir o conselho das mesmas personagens — a corte de Vienna. Era all que devia realisar-se o casamento da rainha com seu tio o infante D. Miguel, — segundo D. Pedro acreditou.

A 5 de julho de 1828 D. Maria da Gloria partia do Rio, na fra-

gata *Victoria*, acompanhada pelo marquez de Barbacena, Felisberto Caldeira, e condessa de Itapagipe. A 2 de setembro tocava em Gibraltar, d'onde devia seguir para Genova. Uma communicação recebida pelo marquez de Barbacena, mudou de repente este itinerario. Attrahiam-n'a á Austria, realisando uma cidade preparada com grande mysterio: o projecto era retel-a all, emquanto ás nações alliadas conviesse. A Austria estava sendo, então, a cadeia onde os reis da Europa retinham os pretendentes aos thronos ameaçados! D. Maria da Gloria esteve destinada a partilhar all a sorte do duque de Reichstadt, o filho de Napoleão I. Foi esse aviso a tempo, que inutilisou as consequencias fataes do que se tratava. Quando todos suppunham, pois, que a princeza se encontrava já em Genova, caminhando voluntariamente para o carcere, apparecia ella em Falmouth. O aviso salvador deveu-se aos ministros do Brasil em Inglaterra e Austria, — o visconde de Itabayana e o marquez de Rezende; a transmissão a proposito para Gibraltar deveu-se á diligencia de Ildefonso Leopoldo Bayard, a quem aquellos dois ministros se dirigiram n'um officio, de que existe o texto. E' assim:

"He tamanha a confiança que temos na circumspecção de V. S.^a e nos seus sentimentos de Fidelidade da Augusta Pessoa d'El-Rei o Senhor D. Pedro IV, que assentamos em utilizar-nos do prestimo de V. S.^a a bem do Serviço do Mesmo Senhor, pedindo que haja de passar quanto antes a Gibraltar, para all fazer pessoal entrega do officio incluso no Excellentissimo Marquez de Barbacena, que ha de provavelmente tocar n'aquelle porto na viagem, que segue do Rio de Janeiro para Genova, tanto pelo costume em que estão os navegantes de fazer essa escala, como pelo desejo e necessidade que deve ter o dito Marquez de informar-se do que ha acontecido ultimamente em Portugal.

"Além d'esta entrega, pedimos a V. S.^a que faça as maiores instancias para que o Excellentissimo Marquez acceda a quanto lhe propomos no officio de que V. S.^a he portador; e se V. S.^a julgar conveniente tomar alguma medida preventiva para o caso possível em que a Fragata que conduz o referido Marquez não haja de tocar no Porto de Gibraltar, podel-o-ha fazer obrando de concerto com o Consul do Brasil n'aquelle Porto, a quem expedimos para este effeito o officio também incluso.

"Não consta ainda a epoca certa em que o Excellentissimo Marquez de Barbacena devia partir do Rio de Janeiro; porém, suppondo que a sua partida não teria logar antes do fim do mez de junho proximo passado: e se, por algum motivo imprevisto, acontecer que essa viagem não se effectue, participal-o hemos a V. S.^a, logo que tenhamos d'isso o devido conhecimento, para que V. S.^a possa regressar a esta Corte, onde a Legação do Brasil lhe satisfará as despesas que V. S.^a tiver feito n'esta commissão de Serviço de Sua Magestade o Imperador do Brasil e Rei de Portugal. Deus Guarde a V. S.^a. — Londres, em 22 de julho de 1828. — Senhor Ildefonso Leopoldo Bayard. — (aa) Marquez de Rezende, Visconde d'Itabayana.

O officio, pelos detalhes que dava, pelas precauções que estabelecia, pelas instancias que fazia — dá bem a impressão do receio dos que o assignavam, e do perigo que elles viam em que a pequena rainha viesse a cair no laço, a que era attraida pela politica da Austria, manejada por Metternich. Tal era a afflicção que dominava os auctores do officio a Leopoldo Bayard, que, receando não se encontrar este em Gibraltar a tempo de se avistar com o marquez de Barbacena, resolveram que o marquez de Rezende fosse directamente a Genova no intuito de all evitar o desembarque de D. Maria da Gloria. No caminho o marquez recebeu uma nova communicação de Itabayana, lembrando-lhe a possibilidade de abrir negociações com o almirante Frego, governador do Funchal, para fazer all acclamar a rainha. Se isso se conseguisse, o visconde indicava a conveniencia de seguirem para a Madeira os emigrados que tinham vindo da Galliza.

O marquez de Barbacena, porém, informado de tudo isto em Gibraltar, usando dos amplos poderes que para resolver conforme o que melhor conviesse lhe tinham sido dados no Rio, resolveu ir directamente para Inglaterra. (1) A resolução obedecia á esperanza de, com a presença da rainha, alcançar um auxilio e intervenção efficaz, que tomasse como pretexto a manutenção dos deveres estabelecidos pelos antigos tratados.

No dia 6 de outubro, pois, D. Maria entrava em Londres. A Windsor só veiu em dezembro — por motivo de doença do rei. (2)

(1) Nos panegyricos com que repetidas vezes se tem procurado, em varias epochas, acrescentar os serviços do duque de Palmella, succedeo também querer attribuir-se-lhe a intervenção n'estas occorrencias. O arcebispo eleito de Lacedemonia, no discurso das exequias de D. Pedro em 1835, foi o primeiro a dar essa versão, mas o marquez de Rezende publicou immediatamente uma refutação. — Observações que acerca de uma passagem de oração funebre de Sua Magestade o imperador do Brasil, etc. — na qual se lê esta declaração cathogorica:

"Começarei por affirmar a Vossa Magestade, que entre os papeis de Seu Augusto Pai existe hum documento original e authenticos (que ainda hoje tive em minhas mãos, mas que por sua natureza não deve ser apresentado n'esta carta a que desejo dar a maior publicidade) por onde se pode claramente provar, que o Duque de Palmella não teve, nem podia ter a interferencia, que o Arcebispo Eleito de Lacedemonia lhe attribue na medida de que se trata."

A declaração, auctorisadissima, não pôde ser mais concludente.

(2) Na carta do Marquez de Palmella para Abreu e Lima de 23 de dezembro de 1828.

(1) Sua Magestade a Senhora D. Maria II. por L. A. Rebello da Silva.

(2) A *Chronica Constitucional do Porto*, em 1832, publicou um artigo a explicar a junção d'estes nomes e a excellencia religiosa d'este voto.

Passou então a estabelecer residencia no campo, no palacio de Ly-leham. Já dissemos como, a esse tempo, lavrava a desavença e a miseria em Plymouth, o famoso deposito de emigrados portuguezes. A noticia da vinda da rainha, por quem elles se tinham sacrificado e por quem estavam soffrendo as mais fundas privações, fez-lhes, por momentos, esquecer os dolorosos transe d'essa afflictiva existencia. Cuidaram em receber a festivamente. Todas as casas onde se alojavam illuminaram. No *barracão*, a pocilga odienta, improvisou-se um theatro. Os poetas, — que eram numerosos — escreveram versos de saudação. Mas o itinerario adoptado inutilisou tudo isto. Em vez de ir por Plymouth, a rainha seguiu por Exeter. Fôra um conselho de Palmella que fez adoptar este outro caminho? Os emigrados attribuiram-lhe essa culpa, e a irritação contra o seu conselho traduziu-se logo em novos queixumes.

George IV, — que era o mais perfeito *gentleman* do seu reino, — esmerou-se sempre em attentões, de uma deferencia muito especial. Desde que recebeu a rainha tratou-a como tal, e até muito expressivamente, n'um brinde. (1) Os seus ministros, porém, não correspondiam em lealdade de proceder aos interesses politicos que a rainha representava. Foi por isso que se effectuaram em Londres conferencias publicas destinadas a provocar a resolução da questão portugueza e foi então que o proceder dos conselheiros do rei se mostrou . . . de uma notavel fecundidade no invento de pretextos varios para inutilisar accordos definitivos. Lord Wellington era de todos esses conselheiros o que menos se inclinava á causa da rainha.

Quando lh'o apresentaram, D. Maria — que tinha feito poucos mezes antes 9 annos, — depois de lhe ouvir gravemente algumas palavras lisongueiras, tornou-lhe, n'um tom solemne, que impressionou o vencedor de Waterloo:

— "Espero que a sua influencia defenderá os meus direitos com tanta decisão, como a sua espada defendeu os direitos do meu avô."

O duque inclinou-se. Dir-se-ia que se dobrara mais pelo effeito de uma estocada, que o alcançara em pleno peito, do que para prestar uma nova homenagem á pequena rainha a quem se dirigira. Aquella creança encontrára a phrase propria a accentuar que o cavalheirismo de Wellington fraquejara tanto . . . como o seu reconhecimento. F' que elle, que se apresentára como o paladino das nações escravizadas pela espada de Napoleão, apparecia, agora, como o adversario das aspirações liberaes do povo portuguez, representado nas reclamações e no direito da pequena princeza a a quem viera cumprimentar!

De Inglaterra D. Maria da Gloria voltou para o Brasil, em 27 de agosto de 1829. (2) Aproveitou-se a companhia da que ia tomar o lugar de sua mãe: a nova imperatriz D. Maria Amelia. Escolheram-lhe, porém, creados portuguezes: como dama foi D. Leonor da Camara, que mais tarde foi marquez de Ponta Delgada, e como gentil homem foi D. Thomaz de Mascarenhas. Já a bordo o marquez de Barbacena publicou uma *Declaração aos subditos feis de Sua Magestade a rainha de Portugal D. Maria II* (3) em que dizia — que "a vinda a Inglaterra e a temporaria residencia nos Estados do mais antigo aliado da Corôa de Portugal, tinham como motivo a odiosa usurpação do reino. O regresso ao Brasil "era o effeito d'essa lucta, e "não significava que S. M. I. abandonasse a causa de Sua Augusta "Filha, antes persistia na *inabalavel resolução de protegê-la*, quanto coubesse em suas forças. (4)

Durante os dois annos que se seguiram, é que a educação litteraria da rainha foi cuidada com mais afincio. O estudo do francez e do inglez, principalmente, mereceu-lhe desde logo uma predilecção tão especial que alcançou falar e escrever estas linguas com a mais absoluta perfeição. Mais do que tudo, porém, quanto os mestres lhe podiam ensinar ia ella aprender na grande escola que fórma os caracteres e que fortalece as educações: a escola da desgraça, onde as lições são muito positivas e experimentaes. A 7 de abril de 1831 occorriam no Brasil os successos que obrigaram o imperador a abdicar em seu filho, e a regressar com o resto da sua familia á Europa. N'um só navio faltavam as accomodações precisas para a longa e penosa travessia. A familia expatriada dividiu-se: o imperador e a imperatriz embarcaram n'uma fragata ingleza; a rainha

(1) Alexandre Dalabardé no seu livro *Veu de la justice et de l'humanité en faveur de l'expédition de D. Pedro*, Paris, 1832 — referindo-se a este brinde e á resposta da rainha, que foi «Desde que estou em Inglaterra que eu todos os dias brindo pela saúde de V. M.» — extracta do *journal officiel* esta nota: «Il serait impossible de se faire une juste idée de la manière dont cette enfant exprima ses remerciements, et l'assurance de sa gratitude envers S. M. Elle excita «la plus vive emotion.»

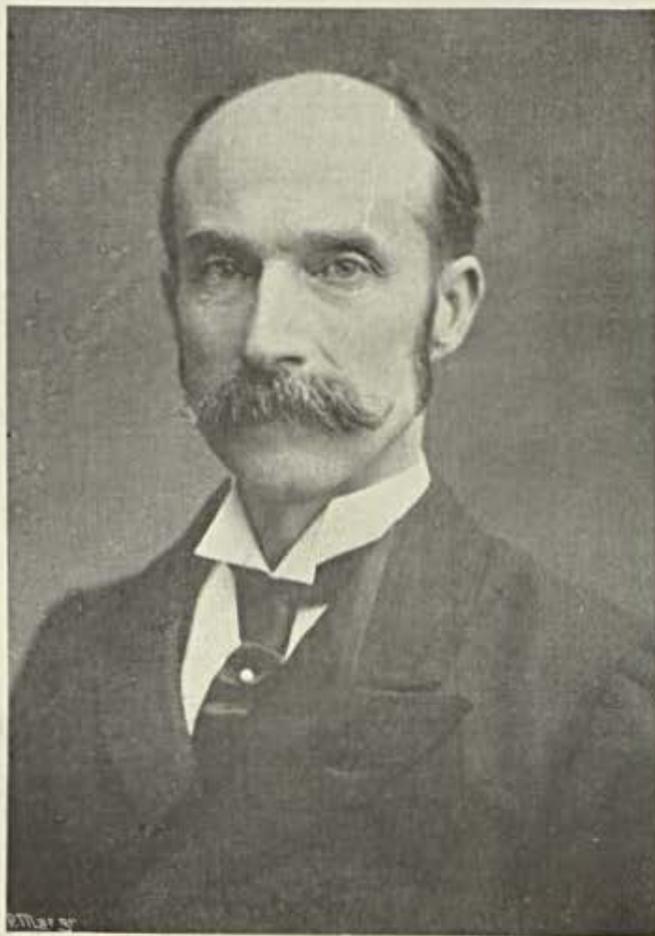
(2) «D. Pedro mandara sua filha, uma tenra Princeza, de nove annos, a queixar-se ao rei de Inglaterra, não da usurpação do tio mas da grande imprudencia de seu pae, o primeiro motor d'essa usurpação: o governo de Inglaterra assim o fez saber, no anno de 1829, ao marquez de Barbacena (nota de lord Aberdeen). Este deshonroso exilio da rainha de Portugal na Inglaterra, é o maior argumento contra a magestade de D. Pedro. O Brasil bem o avaliou, e a posição do Principe, começou desde a volta de sua filha, a ser em cada dia menos solidá; o que bem se deu a entender, n'aquella celebre ordem do dia, de Plymouth, no anno de 1829 em 4 de março, onde se dizia aos emigrados que o maior serviço á rainha de Portugal seria conduzirem-se ao Rio de Janeiro; é claro que D. Pedro os destinava a sua guarda de honra, por não fiar-se de outros.» — *A Dynastia e a Revolução de Setembro*, Coimbra, 1840, pag. 9 e 10.

(3) Um dos subditos feis respondeu com um pamphletto intitulado *Das poderes conferidos a hum Brasileiro qual o marquez de Barbacena para tratar com o governo da Gran-Bretanha sobre os negocios de Portugal*. E' uma descompostura violenta.

(4) O sublinhado é do proprio documento, que tenho presente, e foi impresso na officina de Bingham, em South — St. Grosvenor — Sq.

embarcou n'uma charrua franceza. (1) A fragata *Volage* veio a Cherburgo, a charrua *La Seine*, acossada por ventos contrarios, veio a Brest. Estava, pois, D. Maria pela segunda vez na Europa. Tinha apenas 12 annos, mas a vida quando é assim cortada de lances excepcionaes tem de ser contada em periodos dobrados, como as fadigasas marchas sobre um moveido aereal!

D. Pedro, enquanto esperava a chegada da rainha, veio de Cherburgo para Londres, em 26 de junho. Foi então que tomou o titulo de duque de Bragança. Hospedou-se n'um hotel, — no Clarendon, — onde o barão de Renduffe lhe tomara quartos. Acompanhavam n'o o marquez de Rezende, Francisco Gomes da Silva e João da Rocha



Lord Lansdowne

Ministro dos Negocios Estrangeiros de Inglaterra

Pinto. A estes se juntou, depois o major Webster, encarregado officialmente pelo governo inglez de ficar ás suas ordens.

Tres dias depois visitou o rei de Inglaterra, e na larga conversa declarou-lhe a sua resolução de defender, com as armas, os direitos da filha. O rei, afirmando as suas gypathias pela pequena rainha, manteve comtudo, a reserva no applauso a tal resolução. . . e convidou D. Pedro para um concerto no Paço, para um baile e para um jantar. Com os favores de sociedade intentava furtar-se aos favores politicos. O imperador conheceu o intento — mas aproveitou o concerto, o baile e o jantar, que se realisaram nos tres dias immediatos, para tornar a repetir as mesmas instancias. N'uma nota, que pouco depois fez apresentar a lord Palmerston, propoz, como chefe da Casa de Bragança e tutor da rainha, as condições em que sua filha desejaria vir a Inglaterra. Eram as seguintes:

- 1.ª Ser recebida com as honras devidas ás testas coroadas, sendo as suas bagagens admittidas nas alfandegas, livres de direitos;
- 2.ª Ficando a residir em Londres, sendo alojada no palacio real;
- 3.ª O governo britannico adeantaria, a titulo de prover ás des-

(1) Os dois Passos, publicaram em 12 de janeiro de 1832, em Eaubonne, um folheto impresso em — Paris — Auguste Mie, rue Jaquet — em que se referem assim á saída de D. Pedro para a Europa:

— «Ao largar o Brasil tinha o Ex-imperador muitos filhos meninos que abandonar assim devia custar — quando ninguém sabe senão quem ha Pae. Grande amigo, e muito do peito e da obrigação do Imperador, cabia que fosse o Conselheiro fiel a quem S. M. I., n'essa hora terrivel, confiava tão valioso deposito. Assim parece; e comtudo a nenhum d'esses *falsos amigos* que na prosperidade usam de entubar os palacios dos Principes, entregou S. M. esse rancho d'infelizes creancinhas. A pessoa por elle escolhida foi hum varão excellent e famoso, tão republico e tão livre que n'hum diluvio de titulos pôde conservar intacto seu honrado nome de *Jose Bonifacio d'Andrade*.



Duque de Portland

peças de decente sustentação da rainha, uma somma com que se pudesse emprender uma expedição contra o usurpador,— somma que o imperador se obrigava a pagar, offerendo, como garantia, os diamantes, ouro e prata que lhe pertenciam.

O governo depois de discutir em conselho a resposta a dar, replicou... só poder conceder a isenção de direitos ás bagagens. Quer dizer: o governo inglez persistia em não intervir directa ou indirectamente na sustentação do throno liberal. Apesar do desengano, D. Pedro prometteu trazer D. Maria a Londres,— e partiu, no dia 24, para Cherburgo, onde já a rainha tinha chegado. Seguiu logo para Paris. Estava ali na madrugada de 28. (1) Era o primeiro anniversario da revolução de 1830. Havia uma grande parada em que tomaram parte todas as tropas da guarnição. D. Pedro, em grande uniforme, acompanhou o rei. Fez sensação aquelle fardamento, de cores um tanto extravagantes, que o parisiense não conhecia. Durante a revista chegou a noticia d'uma victoria dos polacos contra a Russia. Contou-se que D. Pedro, com grande enthusiasmo, levantara o grito: «Viva a Polonia! Vivam os polacos!». O auctor do *Processo Politico do Povo Portuguez*, publicado em Londres em 1837, affirma até ter sido testemunha presencial do facto! O Marquez de Rezende, porém, n'um officio ao embaixador da Russia, Pozo-di-Borgo, desmentiu-o terminantemente. Tudo tem, pois, de ser tido como falso na historia d'esse dia! Foi falsa a derrota dos russos e falsos os vivas de D. Pedro á escravizada Polonia! O que não está desmentido, porém, é ter o governo de Luiz Filippe empregado vivas instancias para demover D. Pedro,— de se desempenhar da promessa feita em Inglaterra: ir a Londres com a rainha. Luiz Filippe acalentava um projecto, pouco depois claramente expresso: casara rainha de Portugal com um dos seus filhos. O imperador, porém, insistiu. Saiu de Paris. A 2 d'agosto estavam todos reunidos no Clarendon Hotel—mas só cinco dias passados realisavam a visita de cerimonia ao Paço. Esta visita de cerimonia foi tão escassa... em cerimonia, que determinou, immediatamente, a resolução, de se não prolongar a estada em Londres. Com effeito, por uma distracção,— que se quiz dizer não propositada,— os visitantes de S. James em vez de entrarem pela porta principal... foram introduzidos por uma lateral, do serviço particular da rainha Adelaide! Nos aposentos d'esta senhora é que se effectuou a recepção,

(1) Quem se guisar pelos *Apontamentos para a historia Diplomatica de Portugal* encontrará, a pagina 38, que D. Pedro chegou a Londres no dia 27 de julho e no dia 30 visitou o rei d'Inglaterra. A pagina 81, verá com algum espanto, que a 26 de julho partiu o imperador para Paris e no dia 27 juntou com Luiz Filippe! Quer dizer: ao mesmo tempo estava em Londres a jantar no Clarendon e em Paris a jantar nas Tulherias. São varias as datas erradas n'aquelle livro, algumas pelo facil defeito da revisão.

Ali foram dirigidos, e continuando sempre a violação das praxes que para taes visitas regulam, ali é que o rei os veiu cumprimentar. D. Pedro não podia deixar de dar-se... por entendido,— e tratou immediatamente de recorrer á desprezada hospedagem de Luiz Filippe. (1)

Para contra-ripostar violentamente á desatzenção quiz até partir logo no dia seguinte,— segundo annunciou. Mas as cousas modificaram-se. A rainha Adelaide, procurando dar remedio ao desgosto e ao vexame provocado com uma recepção tão fóra da ordinaria cortezia, escreveu-lhes uma carta de convite para uma visita, de tres dias, a Windsor. O imperador, sem ouvir ninguem, sem consultar quem quer que fosse,— recusou. A rainha Adelaide, então, escreveu uma outra carta, «sobrescriptada directamente á rainha de Portugal, D. Maria, sua irmã». Despedia-se, visto não lhe restar esperanza de a ver,— e enviava-lhe, como lembrança saudosas, umas pulseiras d'ouro e brilhantes. Que fazer depois d'isto? O agradecimento era indispensavel. A politica tinha operado um reviramento! Muitas vezes com os que governam, embora sejam mais poderosos, succede o que acontece com um cavallo forte e fogoso. Uma chicotada, dada a tempo, não o faz desbocar — consegue domal-o. A resolução da immediata partida para França foi... essa chicotada apropositadissima. A nova visita, deu, pois, logar a todas as attentões. Principalmente com D. Maria da Gloria foi a rainha Adelaide carinhosissima. Cumulou-a de provas de affecto pessoal — e de promessas sobre o seu futuro. Por seu lado o rei, ao almoço, pondo-se em pé, fez um brinde expressivo. O dia era d'alegrias!

Na volta de Windsor, a rainha recebeu os portuguezes e emigrados em Londres, que foram entregar-lhe — a carta constitucional e um sceptro d'ouro. E no dia 17 d'agosto, ás 11 horas da manhã, partiam para França. Tinham, afinal, recebido da familia real inglesa todas as satisfações para o seu amor proprio,— mas não al-

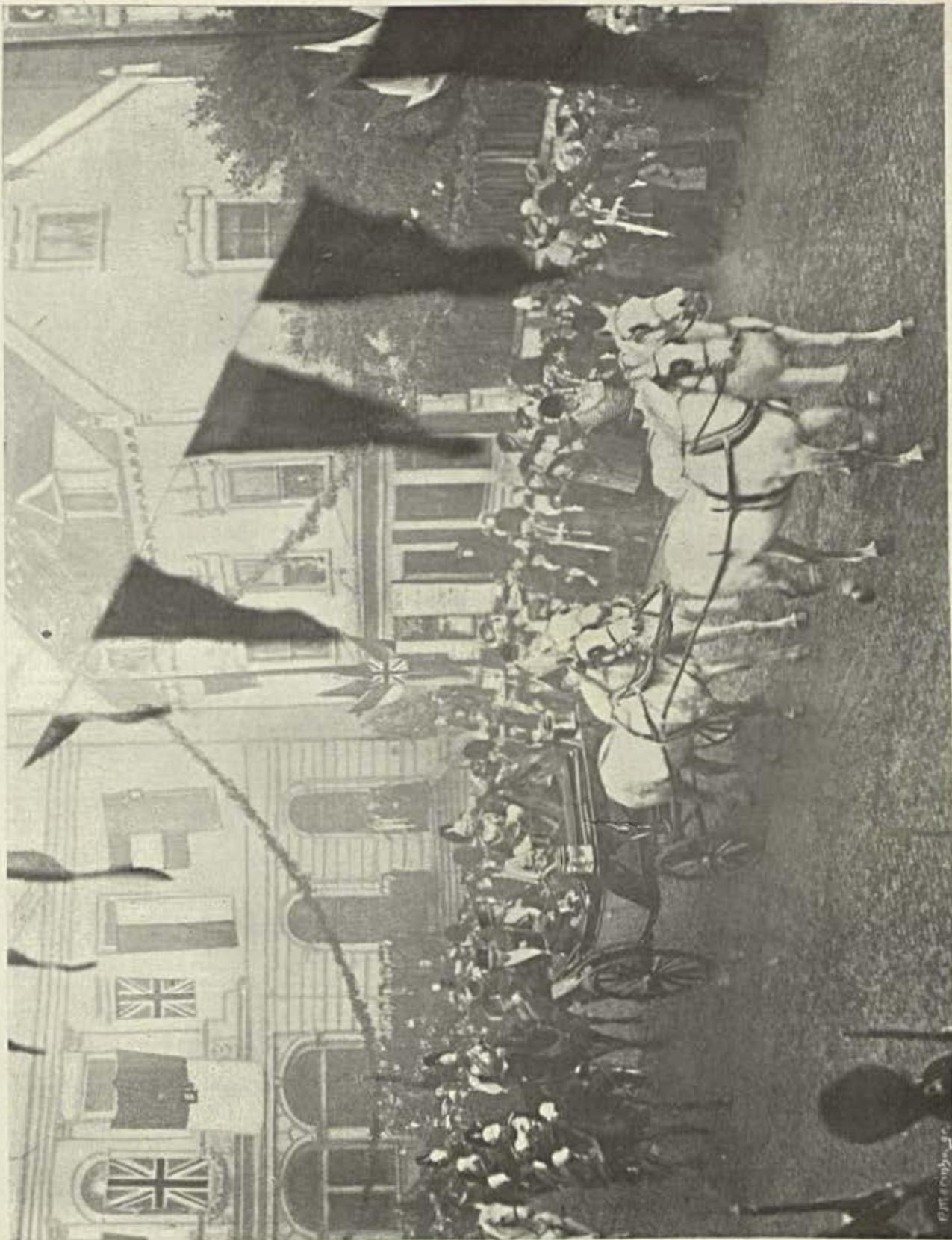
(1) Abreu Lima, na sua má vontade contra D. Pedro, accusa-o d'incontinen- cia de lingua. Segundo elle, o imperador dizia as coisas mais intimas ao official posto ás suas ordens, o major Webster, que era um «espião» de Palmestom. Tendo depois sabido por este que pensava em recorrer aos bons serviços da França, perdeu o direito á consideração que antes lhe tinham mostrado.

N'essa mesma carta, dirigida a Palmella, em 10 de agosto de 1830, para accentuar areadamente a incapacidade litteraria e politica de D. Pedro até diz, referindo-se á correspondencia d'esse dia: «Estas tres cartas foram minutasdas pelo conselheiro Candido José Xavier e do Imperador supponho que pela Imperatriz». — Não se pôde dizer que este diplomata fosse um cortezão — mas deixa suppor tambem, que Palmella não se escandalizava com estas liberdades do seu correspondente!



Duque de Devonshire

Proprietario do castello de Chatsworth, onde houve festas em honra de SS. Magestades



Chegada a Windsor
Cortejo conduzindo os soberanos portugueses ao castillo

(Cliché Renoulet)

cançavam do governo inglês nenhuma demonstração de protecção especial para o triumpho da sua causa. Antes de sair de Londres — segundo conta Delaborde no seu livro (pag. 101, nota) — a rainha soube que o cofre que fornecia os fundos aos emigrados se encontrava sobrecarregado com uma grande divida e por ella estava em risco de ser demandado. Com uma grande espontaneidade, mandou, aos que administravam o cofre, todos os seus diamantes, para que sobre elles se levantasse um empréstimo. Por isto se apresentou depois nas festas das Tulherias sem joias — mas nem por isso com menos esplendor. (3) A generosidade, que era tam-

(3) Este facto foi depois confirmado. Allude a elle até a propria D. Maria II na carta que, em 11 de julho de 1834, dirigiu ao duque de Palmella:

bem um dever, cumprido nobremente, valia bem toda essa preciosa pedraria! Tendo em attenção que esta não foi a unica vez, que a rainha deu prova de se desinteressar dos adornos femininos para servir as necessidades da nação, está traçada uma das feições mais sympathicas do seu character nobilissimo!

Luiz Filippe offereceu á familia do duque de Bragança o pala-

«Duque de Palmella.

O duque sabe que as minhas joias já salvaram uma vez a causa, se agora são necessarias mande-me logo dizer, porque estão promptas, e diga ao Francisco Antonio de Campos, que se quiser não tem mais nada que fazer senão mandar uma ordem ao meu thesoureiro para lhe entregar 20.000.000 réis, porque já estão promptos para lhe serem entregues. — 11 de julho de 1834» (s) Maria.

cio de Meudon, perto de Versailles. Aceitaram. Foi uma nova deliberação infeliz. Tendo-se espalhado, pouco depois, ter o imperador estabelecido ligações com o partido ultra-liberal francez e hespanhol, os ministros, Perrier e Sibastiani, julgaram-se com direito a ir a Meudon pedir explicações. D. Pedro explicou-se com dignidade e altivez, — mandou immediatamente alugar casa por sua conta, em Paris. A *hospitalidade franceza* — essa grandiosa *blague* que os publicistas d'aquelle paiz téem feito acreditar a portuguezes ingenuos, ficou assim mais uma vez exemplificada. Foram morar para o palácio da rua des Courcelles — levantado no mesmo local que tinha occupado a casa de Robespierre, — e que, mais tarde, foi propriedade e moradia da rainha Maria Christina, de Hespanha.

N'esta casa historica é que se organisaram e completaram os trabalhos preliminares para a expedição libertadora — á qual D. Pedro consagrava agora toda a sua actividade. Ali se celebraram as ultimas conferencias, se organisaram os definitivos planos, se venceram as ultimas difficuldades para levantar as sommas modestas, com que começou o grande e extraordinario empreendimento! Foi n'essa casa, finalmente, que o imperador, em 25 de janeiro de 1832, ao partir para Belylle, com destino á Terceira, se despediu com secreta amargura de quem muito procurava disfarçar a duvida de tornar a vel-as!

Pela primeira vez vestia n'esse dia o seu uniforme de general em chefe do exercito portuguez, e, solememente, na presença dos dedicados amigos que o acompanhavam, veio ajoelhar aos pés da filha, prestando-lhe homenagem e juramento da sua dedicação. O espectáculo singular impoz-se a todos os que o presenciavam. Um incidente accrescentou ainda a impressão produzida. Quando se abriam alas para lhe dar passagem, D. Pedro acercou-se de dois velhos, a quem agora entregava a guarda da sua familia, e abraçou-os, demoradamente, n'um indominavel arrebatamento d'affectuosa ternura e agradecimento. Eram os marquezes de Lavradio e do Funchal, — que, com voz tremula, lhe expressaram, carinhosamente, paternalmente, a confiança no triumpho que o esperava e que seria, conjuntamente, o resgate da patria tão amada — que um d'elles nunca mais tornaria a vêr! Fazendo um esforço supremo para se arrancar á scena commovedora, o duque de Bragança saiu, afinal, da sala. Havia lagrimas em todos os olhos; muitos soluçavam — só uma pessoa dominava, com um grande esforço de vontade, com uma forte tensão nervosa, a impressão que intimamente lhe fazia estremecer até ás mais fundas fibras da alma. Quem a todos deu assim o exemplo de uma força de vontade que se sobrepunha a commoções violentas... era uma creança, era a rainha! Só quando as lagrimas não podiam accrescentar ao pae a magua

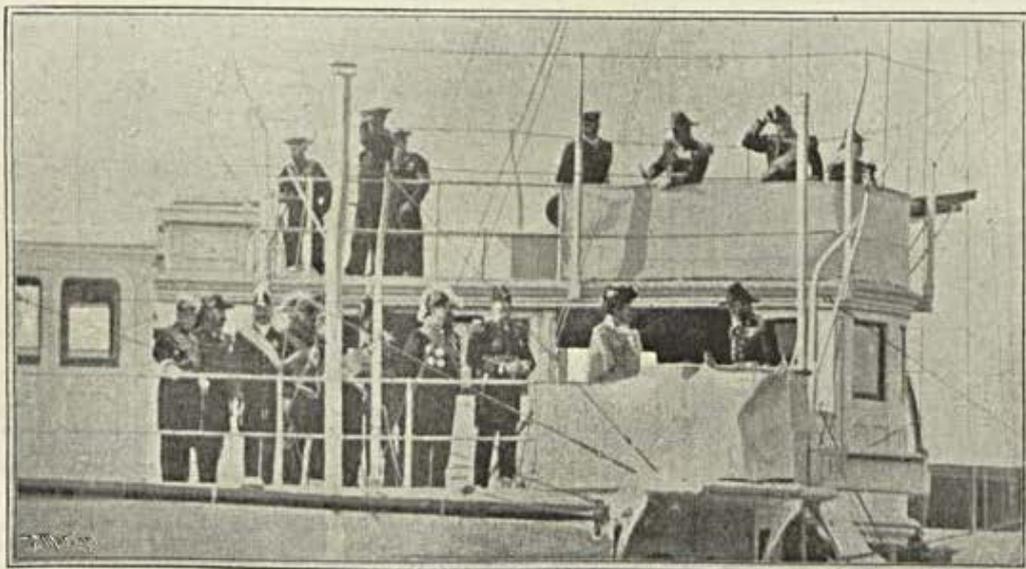


A chegada do yacht Real «Victoria and Albert» a Portsmouth, conduzindo os soberanos portuguezes

d'esse apartamento, só quando o choro não pôde contribuir para tornar mais angustiosa essa despedida, é que a dôr, n'uma forte explosão, venceu a sua vontade e venceu os seus nervos! A crise foi depois tanto mais larga quanto maior fôra o esforço para a dominar. Parecia que aquelle coração infantil ia estalar como estalam ao ser repuchadas com força as cordas já muito distendidas d'um instrumento musical! Desde esse dia, desde esse episodio, viu-se bem de que força d'energia era feito aquelle caracter. O futuro só tinha de dar confirmação aos que adivinharam, desde logo a firmeza de que a rainha era capaz nos lances mais impressivos. Está marcado o segundo traço que desenha o perfil d'aquella mulher. Já, em creança, se mostrava dedicada e valente: dava as suas joias para acudir aos partidarios; represava no peito os sentimentos intimos, para não desalentar os que precisavam d'energia.

Enquanto o pae assim partia a conquistar-lhe o throno, D. Maria da Gloria começou a receber as lições complementares para a sua completa educação. Do ensinamento religioso foi encarregado um simples abbade, que estava destinado a occupar um grande renome na historia e na igreja: o futuro bispo d'Orleans, Dupanloup, que era então o parcho de S. Roque, e foi quem preparou a rainha para receber o Sacramento da Confirmação, administrado pelo arcebispo de Paris. Para professor de historia e geographia foi escolhido o antigo mestre do duque de Bordeaux, mr. Collard. O ensino da mathematica elemental foi confiado ao major d'engenharia Caetano Vaz Parreiras. Os mesmos professores que ensinavam a musica, o desenho, a dança e as linguas vivas á familia real

franceza, foram tambem encarregados de continuar as lições que sobre tudo isto já antes recebera D. Maria da Gloria. Da elevação do seu espirito davam todos estes professores informações entusiasticas; da sua coragem pessoal, veio ainda uma occorrença estranha, dar demonstração completa. N'uma manhã de abril de 1832, — precisamente quando a pequena rainha se retirava da janella do seu quarto, que deitava para o jardim, — ouviu-se um tiro: uma bala passando pelo proprio sitio que D. Maria acabava tanto a tempo d'abandonar, foi cravar-se na parede fronteira, mesmo ao lado do leito. A occorrença determinou o alarme que facilmente pôde calcular-se. Ao susto geral só uma pessoa parecia alheia: era a rainha. Fôra um attentado politico? Fôra um caso incidente? A policia no seu relatorio, declarou, depois, que não houvera proposito de regicidio. Fôra um



Os soberanos portuguezes a bordo do yacht Real

doido, que vivia n'uma casa vizinha... e era deixado na liberdade de fazer exercicio de tiro no quintal!

Depois d'esta occorrença, — que se prestou a varias verões e deu motivo a accusações que ficaram sem fundamento, ou, pelo



Mr. Alderman and Sheriff Pound
Lord Mayor de Londres

difficuldades que se multiplicavam. Chegavam-lhes noticias, expressadas em cantigas :

Entre Pedro e Miguel
Ninguem metta o seu nariz,
Pois se D. Miguel é rei
Foi D. Pedro que o quiz.

D. Pedro, ao partir, ajoelhára aos pés da filha. Beijara-lhe a mão reconhecendo-a como sua rainha e constituiu-se no dever, como seu primeiro vassalo, d'arrostar com a morte para lhe reconquistar o throno. Isso, porém, não lograra desarmar a má vontade dos que o guerreavam, dos que em todas as suas acções queriam descobrir reservados intuitos de pessoal ambição, — e que, para lhe negarem o direito á regencia, principiavam por lhe negar o direito ao commando dos que iam combater. Vencidas as primeiras intrigas, vencidas as primeiras batalhas, ainda pareciam avolumar-se mais os riscos da colossal empreza! O paiz não parecia disposto a coadjuvar o esforço dos que vinham para quebrar as algemas que o prendiam. A sua sympathia parecia conservar-se inquebrantavel a favor dos que lhe negavam os direitos e estabeleciam com mais ferreza o regimen oppressor! Lá fóra, nas côrtes estrangeiras, onde as recepções pareciam indicar uma promessa de favor, os desenganos tinham trazido a desesperança. Nem já a credulidade dos primeiros tempos era um incentivo a illuões!

Assim tinham passado anno e meio, vende os dias correr arrastadamente sem alteração apreciavel para o resultado final. Chegavam, é certo, successivamente, os relatorios das batalhas ganhas; vinha noticia circumstanciada da firmeza heroica d'esse baluarte immortal onde a lucta se prolongava — mas onde a lucta se restringia; recebiam-se cartas extensas, explicando os feitos audazes dos que se consagravam ao triumpho da causa liberal, — mas, juntamente com tudo isso, vinham os pedidos de mais gente, de mais dinheiro, de viveres que não havia, de munições que se tinham acabado, de armas que era preciso comprar, de fardamentos que era urgente arranjar, de cavallos que era indispensavel enviar. Por isso a musa popular dizia :

D. Pedro quarto
Que vem cá buscar?
D. Miguel primeiro
Hade reinar.

O Porto resistia, mas o Porto absorvia tudo — sem que a miseria deixasse de subsistir, as difficuldades deixassem de manter-se, a carencia de elementos de combate deixasse de proseguir. Vinham, então, as cantigas esperançosas :

A filha de Pedro
Rainha ha de ser,
Por ella juremos
Vencer ou morrer.

A's armas, ó Ineos
O ferro empanhemos
Maria segunda
Ao throno elevemos.

menos, sem prova auctorizada, — D. Maria, que já vira a revolução do Rio, que tivera como consequencia a abdicção do Pae, veio a assistir em Paris á revolta, que procurou substituir pela republica a monarchia de julho. Ao primeiro rebate do levantamento de barricadas nas ruas, a rainha e a imperatriz foram destemidamente juntar-se nas Tulherias á familia real, ameaçada na sua situação e afflicta com a resolução de Luiz Filippe, — que á frente da guarda nacional e acompanhado pelos tres filhos marchou resolutamente contra os revoltosos. Esta attitudé ganhou-lhe novas sympathias. Continuou a ver-se a energia, que evidenciava o traço masculino das suas resoluções, assim como principiou a patentear-se a nota concisa e frizante com que sabia commentar as occorrenças, fazendo resaltar as opiniões n'uma phrase expressiva. Os seus ditos deram desde logo a feição do seu espirito. Ouvindo repetir um dia o que dissera o caustico Rivarol, definindo a revolução, D. Maria, sorrindo, explicou :

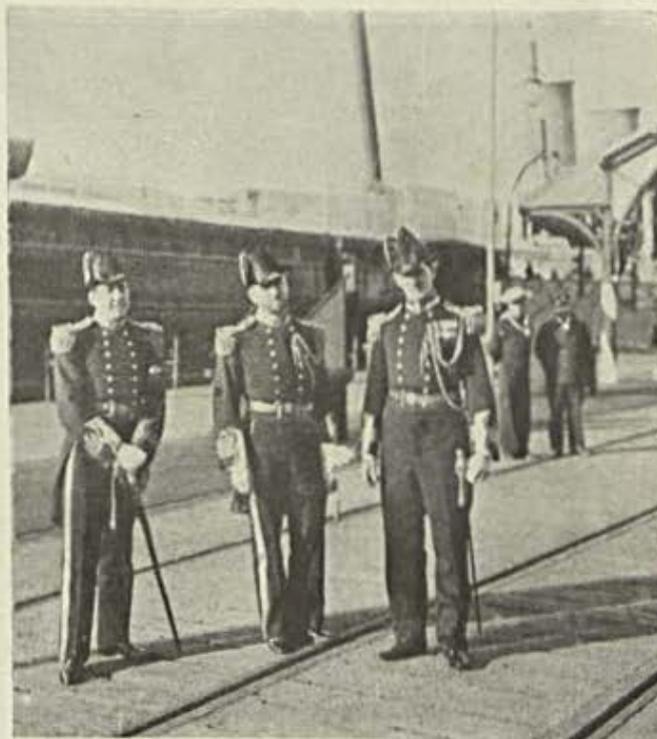
— São precisas menos pa'avras: as revoluções são a subida de uns sobre a ruina dos outros.

Quando, depois de dominada a sedição, os sansemonianos, levados aos tribunaes, provocaram episodios que divertiam a França inteira, a Rainha commentou :

— E' como no theatro: depois da tragedia a comedia. N'este genero estes homens são mais toleraveis; têm mais graça para fazer rir do que intuitos cruéis para fazer chorar.

D. Maria dizia estas cousas sem nenhuma pose, sem nenhuma affectação, sem nenhum desejo de provocar admirações de palacianos. Eram reflexões d'um espirito muito serio e amadurecido, expressando convictamente impressões absolutamente pessoais.

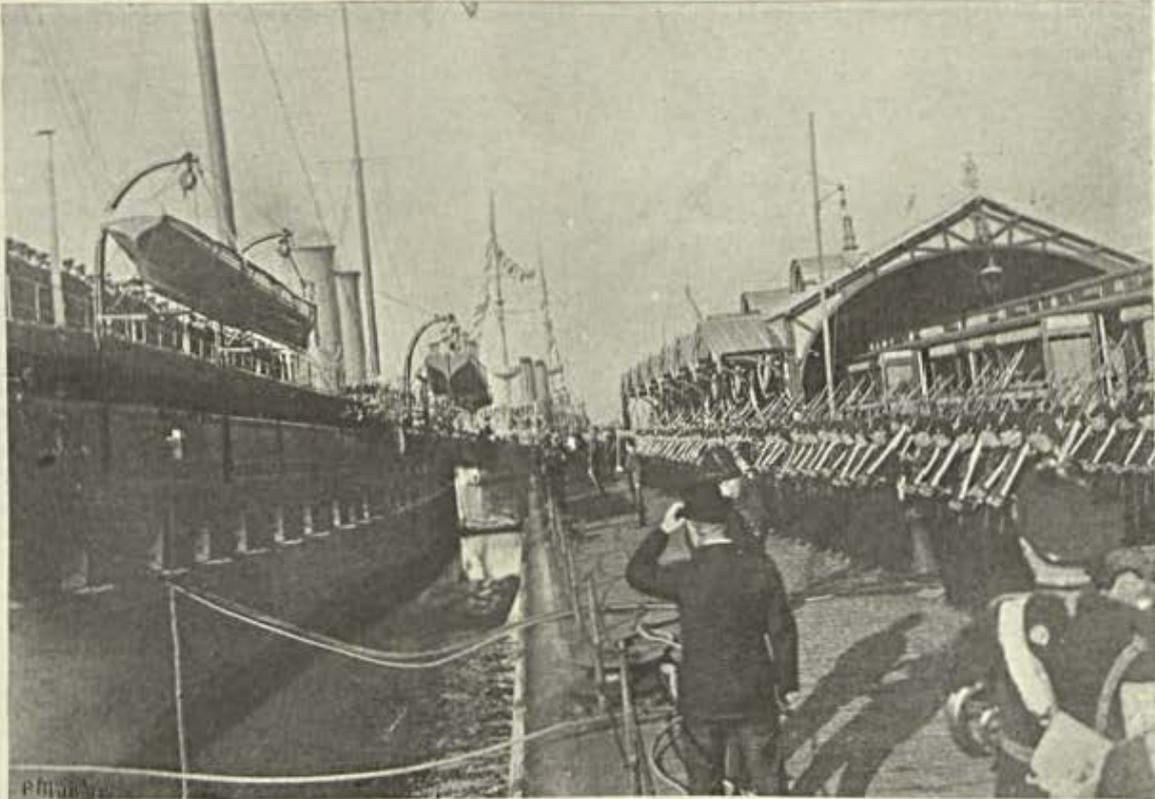
Foi a este tempo, que chegou a Paris a noticia do desembarque de D. Pedro no Porto. Podem calcular-se os sobresaltos, as incertezas, as impaciencias que desde esse momento traziam em afflictiva anciedade as duas senhoras, que em França aguardavam o resultado da campanha que havia de decidir dos seus destinos. Com as novas das primeiras batalhas vinham as informações das



(Cliché Benoit)

No arsenal de Portsmouth

O commandante Browning, commandante em chefe do porto



(Cliché Benoit)

Desembarque dos reis de Portugal em Portsmouth

Se a rainha devera á natureza uma notavel precocidade de reflexão; se a educação afinára o seu espirito para aprofundar melhor o que outras em tão curtos annos não abrangiam, tudo isso, só servia para alancear-lhe com maior soffimento uma existencia apertada na duvida, cruel, sobre a sorte que o destino lhe reservára! Finalmente, em julho, o mez do sol radiante, o céu azul e profundo, illuminou-se — com as novas felizes da conquista de Lisboa, da derrota da esquadra inimiga, dos successivos triumphos, agora decisivos, no Porto! Estas boas novas recebia as assim n'um feixe, reunidas como n'um florido ramilhete! O marquez de Loulé veio pessoalmente, em missão especial, confirmar os jubilosos aconteci-

mentos. A partida proxima para a terra da patria, alvoroçou logo todos d'uma alegria intraduzivel em palavras! Em todos os olhos havia lagrimas — mas lagrimas consoladoras, que não queimavam as palpebras, que eram por assim dizer os risos liquificados que andavam nos labios, antecipando-se ás phrases jubilosas dos cumprimentos e parabens reciprocos. Tudo agora apparecia com um aspecto diverso, — em que não havia sombras, que ennegressem o horizonte, nem receios, que entristecessem o futuro. Os preparativos para a saída de França foram feitos assim, alegremente.

A 7 de setembro é a partida para o Havre, — apesar de correr noticia de novas ordens para a demorar, até que uma nova batalha



(Cliché Benoit)

O castello do duque de Dewo shire em Chatsworth



Londres — Abbadia de Westminster

Um trecho da nova rua Portugal Street
antigamente Piccadilly, em Londres

decisiva desaffrontasse Lisboa do inimigo que sitiava a capital. Vão por Inglaterra. A fortuna transforma tudo. A recepção ali dá agora lugar a successivas manifestações de adhesão á causa liberal, que a rainha representa. No dia 9, em que chegaram a Portsmouth, foi ali um dia de verdadeira gala, transformando completamente aquella cidade pouco dada ao ruido das festas. A corporação municipal, tendo á frente o seu Mayor, veio cumprimentar os hospedes reaes, á casa do almirantado, no estaleiro. A recepção foi solemne. Houve discursos, falando por si e em nome da rainha, a duqueza de Bragança, — que a todos se impoz pela sua nobre distincção, pela sua elegancia, pela sua formosura, e pela fôrma com que soube expressar a gratidão á maioria da nação britannica. No dia seguinte foi a partida para Windsor. Iam em tres coches da casa real de Inglaterra, puxados a quatro parelhas. Sir Whateley, mandado especialmente por Guilherme IV, acompanhava. Em todo o trajecto a população veiu das villas proximas á estrada saudar com vivas entusiasticos. Atravessaram rapidamente Petersfield, Godalming, Guilde Bagshot. A linda villa do Chertsey preparára-se para uma grande recepção. Tinha ali acudido gente de todos os povos proximos. A comitiva, porém, seguira por outro itinerario: tomára por Long-walk, — com grande regosijo d'estes habitantes, que acclamaram longamente.

Passava das 6 da tarde quando o cortejo, em que se incorporára o vistoso 2.º regimento de cavallaria das Guardas, entrou em Windsor. As ruas, as janellas das casas e dos cottages estavam apinhadas de gente, cumprimentando, acenando com os lenços. No pateo do Palacio formaram as tropas da guarnição, que prestaram as honras militares. As musicas tocaram o hymno constitucional portuguez. Todos os officiaes môres da casa real vieram ao encontro da rainha de Portugal — e formarem alas até á escada de honra,



Londres — Shaffsbury Avenue



Londres — Ponte de Westminster



Trafalgar Square — Londres em dia de neveiro



(Cliché Benoist)

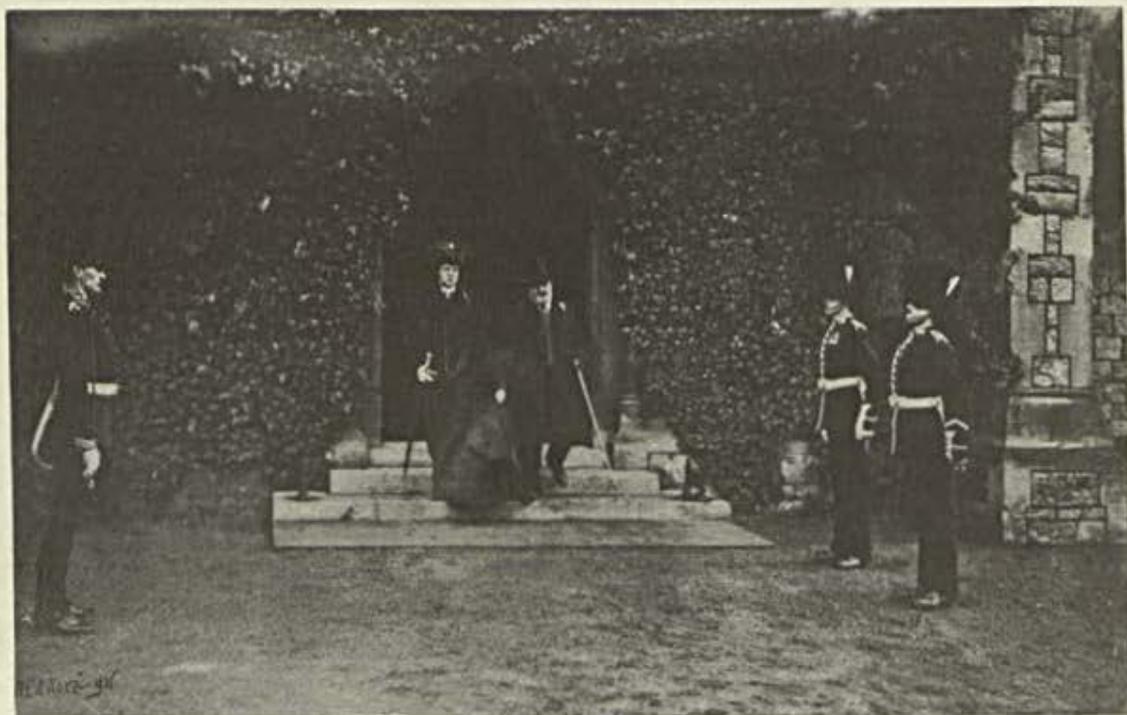
Portsmouth — Aspecto dos Dockyards (arsenaes)

onde os reis de Inglaterra esperavam. Esmeraram-se no affecto carinhoso com que deram as boas vindas, e protestaram a sua amizade, á soberana do povo aliado. A' noite teve logar um grande e apparatuso banquete em S. George's Hall. Todos os personagens de distincção que acompanhavam a rainha foram convidados. Guilherme IV mostrou o mais vivo desejo de que a visita se prolongasse; o marquez de Funchal, — que estava presente, como embaixador, — patenteando a gratidão com que o seu paiz receberia a noticia da gentileza inexcelsível com que era acolhida a sua sobe-

rana, ponderou, porém, a necessidade da sua proxima retirada. Pobre marquez!

O velho ministro encerrou com essa festa jubilosa a sua larga carreira de diplomata. A morte espreitava, para o ferir, a occasião em que o triumpho de tantos esforços apparecia com essa viagem de regresso á patria, — depois da homenagem prestada áquella creança por quem elle tinha mais do que respeito de subdito: um affecto carinhosamente paternal!

BARBOSA COLLEN.



(Cliché Benoist)

Windsor — A saida da missa — El-rei e a Rainha

POLITICA INTERNACIONAL

O facto mais culminante da passada quinzena na politica internacional é a reeleição do presidente Roosevelt ou antes a sua eleição, porisso que pela primeira vez elle se apresentou ao suffragio dos eleitores. O tempo em que até agora esteve investido na alta magistratura para a qual os seus concidãos acabam de nomeal-o, deveu-o não a uma eleição, mas ao tragico acontecimento que roubou a vida o seu predecessor. O primeiro eleitor de Roosevelt não foi o povo norte-americano, mas sim o assassino do presidente Mac-Kinley. Se não fôra este attentado é provavel, quasi certo mesmo, que nunca o actual presidente dos Estados-Unidos teria subido ao primeiro logar da União. Pelo menos nunca até hoje aconteceu que um vice-presidente, chamado á effectividade do cargo pela morte do presidente, fosse depois elle mesmo eleito. Foi esta a primeira vez que tal succedeu. Pelo contrario, tem sido até hoje a regra que o logar de vice-presidente, representando sem duvida uma grande honra, impossibilita no entretanto para a nomeação definitiva de presidente. E' o que teria succedido a Roosevelt se o tragico acontecimento de Buffalo não lhe houvesse posto em evidencia a poderosa individualidade, exemplificando-se mais uma vez a influencia que não raro tem o fortuito na historia. Não houvesse Mac-Kinley succumbido á bala de um allucinado, e os Estados-Unidos ficariam sem poder inscrever na lista dos seus presidentes talvez o melhor nome...

Tres questões principaes dividiam na ultima eleição os republicanos dos democratas, ainda que, deve confessar-se, a diferença de bandeiras mais parecia formal do que real. Em todo o caso os tres pontos que constituíam a plataforma eleitoral eram: a questão das tarifas, a questão dos trusts e a politica internacional. A malfadada questão do padrão monetario, que custou não sómente a eleição ao sr. Bryan mas ainda a desorganização ao partido democratico, foi habilmente arredada da discussão pela corajosa attitude do sr. Parker, o candidato democrata.

A respeito da tarifa a situação dos republicanos é clara. São proteccionistas e sustentam que a protecção devem os Estados Unidos o poderoso incremento das suas industrias e a colossal expansão do seu commercio. A posição dos democratas a este respeito é menos firme. Não são livre-cambistas, mas tão pouco aceitam a pauta actual. Ignora-se, porém, quaes as modificações que desejariam introduzir no presente estado de cousas.

No que se refere á questão dos trusts acham-se os papeis invertidos. São os democratas os que a tal respeito mantem a posição mais definida, de hostilidade accentuada. Pelo contrario a politica dos republicanos n'este ponto é mais incerta, ou antes muito menos sincera. Não ha duvida de que o presidente Roosevelt por mais de uma vez teve de falar alto aos grandes potentados da finança, chegando a ameaçal-os com uma legislação restrictiva, que puzesse fim aos seus fabulosos lucros. Mas não é menos certo tambem, que por fim as pazes se fizeram entre Wallstreet e a Casa Branca, como o prova o auxilio prestado por Pierpont Morgan ao partido republicano. O que o sr. Roosevelt fará nos futuros quatro annos da sua presidencia aos aliados da ultima hora, não é facil sabel-o. Como, porém, declarou que em caso algum accetará uma nova reeleição, encontra-se em situação de a este respeito, como a respeito de tantas outras questões, proceder com inteira independencia. E o caracter para isso não lhe falta. Tudo depende apenas dos compromissos tomados para a eleição.

O terceiro ponto que separa os dois partidos e aquelle em que, com effeito, elles mais divergem é o da politica internacional, incluindo n'este artigo do programma eleitoral a questão das Philipinas.

O partido republicano, sobretudo depois da guerra hispano-americana, é o representante da expansão imperialista. Não sómente a America n'esta nova orientação do seu desenvolvimento accentúa e alarga o primitivo alcance da doutrina de Monroë, mas sabindo do isolamento tradicional, em que por tanto tempo viveu, procura intervir de uma forma cada vez mais directa na politica mundial. A attitude do governo de Washington para com a Turquia, Marrocos, e principalmente na questão do Extremo Oriente, são a este respeito eloquentes symptomas. E' contra esta politica, que classifica de aventureira e cheia de perigos, que o partido democratico se insurge. O que este partido deseja é pura e simplesmente a volta ás boas e antigas praticas da não intervenção, evitando-se que mais cedo ou mais tarde os americanos se vejam envolvidos nas complicações do velho mundo com prejuizo do desenvolvimento nacional. Porisso mesmo os democratas, embora partidarios de um bom systema de defesa e de protecção dos interesses commerciaes da União, não são tão entusiasmados como os republicanos pelo augmento da esquadra, em que pelo contrario o presidente Roosevelt e os seus seqnazes vêem o melhor penhor da grandeza e da prosperidade dos Estados Unidos. Tambem por identica razão os democratas são contrarios á conservação das Philipinas, que elles n'um breve prazo desejariam vêr entregues a si proprias, dando-se-lhes a completa independencia e conservando lá os americanos apenas um certo numero de privilegios commerciaes e o direito de impedir, que as ilhas viessem a cair sob o dominio de qualquer potencia estrangeira. Este ponto de vista é diametralmente opposto ao dos republicanos, que entendem que os Estados-Unidos jámais devem largar mão do archipelago, cuja posse lhes assegura uma situação preponderante no Pacifico e em face da intrincada questão do Extremo Oriente na qual por motivo de semelhante posição estrate-

gica elles pódem intervir em condições excepcionalmente favoraveis apenas inferiores ás do Japão.

O corpo eleitoral americano por uma maioria esmagadora elegeu o presidente Roosevelt, mostrando assim approvar a orientação accentuada pela Casa Branca depois da morte de Mac-Kinley. A que deveu o partido republicano tão estrondosa victoria? Evidentemente a factores complexos, que trabalharam de accordo para o resultado final. Em primeiro logar deve ter-se em conta o prestigio pessoal de Roosevelt, que é grande e incontestavel. Os proprios defeitos de que o accusam — caracter impulsivo e dominador — pouco o prejudicam, porque elles são os defeitos do povo americano, e tendo-os, melhor se mostra como o genuino representante da sua nação. O candidato Parker era sob este ponto de vista demasiado equilibrado para agradar á maioria do corpo eleitoral. A democracia moderna, sobretudo a democracia yankee, é assim. Quem melhor lhe reflecte o feito voluntarioso, é quem lhe recebe os suffragios, porque melhor a symbolisa.

A conjugar-se com o prestigio pessoal de Roosevelt veio a nova evolução das grandes nacionalidades, conhecida pelo nome de «imperialismo», completar o triumpho do partido republicano. A transformação por que tem passado a politica americana a partir da guerra com a Hespanha não é simplesmente um facto nacional. Identica evolução se tem operado em outras nações, nomeadamente na Inglaterra. E' um movimento complexo e irresistivel. Póde ser criticado, póde deplorar-se que se tenha dado, mas feliz ou infelizmente constitue uma realidade com que não ha remedio senão contar. Tambem em Inglaterra o antigo partido *whig*, o partido dos *little englanders*, de que é representante genuino sir Campbell-Bannerman, declama contra o imperialismo do partido unionista e lucha desesperadamente contra a nova orientação do paiz, sem resultado, comtudo, porque a nação ingleza não o escuta e confia os seus destinos a outros pilotos. E não foi sómente o partido unionista que realizou, graças sobretudo á poderosa influencia do sr. Chamberlain, a sua evolução para o imperialismo. Tambem no proprio partido liberal a fracção, que reconhece como chefe lord Rosebery, seguio identico caminho.

Ora o que se deu na politica do Reino Unido deu-se igualmente na politica dos Estados Unidos.

O partido republicano converteu-se, devido á acção de Mac-Kinley e de Roosevelt, ao imperialismo. Póde o partido democrata empregar os esforços que quizer, que não conseguirá fazer voltar a União aos tempos do seu antigo isolamento, quando absolutamente ella se desinteressava de tudo quanto não fosse norte-americano.

O que dá força e impulsiona este movimento imperialista, tornando-o invencivel, é que mais do que um resultado da acção dos homens superiores que o dirigem, é elle a consequencia das novas condições sociais e economicas da actualidade. Não ha duvida que sem Chamberlain e sem Roosevelt o imperialismo inglez e americano não se teriam tão rapidamente implantado na consciencia das duas nações.

Mas nem porisso o seu advento, embora um pouco mais tardio, haveria deixado de ter logar.

O partido democrata, apresentando-se a lutar de frente contra a corrente geral, foi vencido, e continuará no ostracismo, como no ostracismo ficará, não se sabe por quanto tempo ainda, o partido liberal inglez, não obstante achar-se o ministerio do sr. Balfour evidentemente gasto.

Causas, porém, de outra ordem contribuíram igualmente para a victoria do partido republicano ou antes para o descalabro da candidatura democratica, não obstante o prestigio pessoal e as qualidades de caracter do sr. Parker. Em primeiro logar a massa dos eleitores democratas não se apresentou completamente unida perante as urnas. O sr. Bryan, apesar de modestamente se ter retirado para um plano secundario, nem porisso deixou de exercer uma acção menos dissolvente no seio do seu partido. Não ha duvida que a attitude resoluta do sr. Parker com respeito ao estalão prata, repudiando n'esta questão com firmeza as doutrinas do bryanismo, lhe ganhou grande numero de adherentes nas classes conservadoras. Mas essa mesma conquista fez-lhe perder votos e entibiar-lhe entusiasmados nas fileiras dos intransigentes do partido. De modo que para uns o sr. Parker tornava-se suspeito de demagogia pelas suas relações com Bryan, emquanto que para os genuinos partidarios d'este o candidato democrata apparecia contaminado do virus republicano-conservador. O resultado d'esta situação era facil de prevêr.

Ainda outra circumstancia prejudicou em geral a eleição do sr. Parker. O partido democrata, por mais que os tempos tenham mudado, é accusado com razão ou sem ella de ser partidario do antigo regimen da escravidão dos negros. A grande força d'este partido reside effectivamente no sul, nos antigos estados escravagistas.

Ora como a questão da população de cõr na America póde dizer-se que chegou ao estado agudo, como esta questão, prenhe das mais graves consequencias, ameaça uma vez mais produzir no paiz serias perturbações, o corpo eleitoral receiou elevar á presidencia n'este momento um homem, que pelos seus compromissos com os escravagistas podia agravar o melindroso problema das relações entre brancos e negros na União.



Um desenho de Pedro Americo

Villa de Trancoso



Fonte da Vide



Campo Fonte Nova



A visita dos soberanos portuguezes á Inglaterra continuou sendo esta quinzena o assumpto que prendeu a attenção publica, um pouco atordoada com acontecimentos dispensaveis de politica interna, que muito contrastaram com os acontecimentos externos. Não é muito portanto que as nossas paginas se encham ainda hoje de gravuras sobre a viagem, apanhadas em flagrante pela objectiva de colaboradores dedicados, um dos quaes foi expressamente a Londres encarregado pelo *Brasil Portuga!* de arrancar aos seus instantaneos a reportagem vivida das festas. Mas o que essas gravuras não podem reproduzir é o entusiasmo com que o povo inglez acolhe os reis de Portugal, d'este paiz pequeno em territorio mas tão grande pelo seu passado, tão glorioso pelas suas tradições. Esse entusiasmo é a prova do superior criterio d'esse povo, que se não parece com nenhum outro, e que tem a justa critica dos acontecimentos a que se acha ligado.

Não será necessario explicar esta nossa affirmação. Todos os que conhecem a historia e seguem com interesse os seus factos, o sentem. A Inglaterra que comprehendeu em 1890 a vibração da alma portugueza, é a primeira, annos passados sobre esses tristes acontecimentos, a saudar com delirio os representantes d'este paiz seu alliado, que tão desinteressadamente lhe prestou serviços importantes ha pouco no Transvaal. Outro qualquer povo não ligaria ao facto maior importancia, mas a Inglaterra que é sobretudo um povo pratico, avalia bem o que esses serviços representaram para o seu dominio na Africa do sul, e tende a proval-o sempre. Assim, a antiga alliança entre os dois paizes, que já vem de seculos, encontra-se confirmada a um tempo pela vontade dos dois governos e pela vontade dos dois povos. Esta manifesta-se nas ovações feitas a Suas Magestades, aquella confirma-se na assignatura do tratado de arbitragem, a que já nos referimos na ultima chronica, e que é ainda obra do gabinete Hintze Ribeiro. O tratado é como os outros documentos do mesmo genero firmados entre varias nações, depois da conferencia de Haya, como os tratados luso-hespanhol e luso-americano, mas o que lhe augmenta a importancia é o preambulo ponderadamente preparado pelo antigo ministro dos estrangeiros, o sr. conselheiro Wenceslau de Lima, com aquella sabia intuição e ponderado criterio que ressaltam de todos os seus actos como ministro e como diplomata.

N'esse preambulo se regista que o tratado firmado é a confirmação da alliança entre Portugal e a Inglaterra, á qual se referiram nos discursos do banquete de gala tanto o Rei Eduardo VII como o Rei D. Carlos I. Datam de ha 700 annos os sentimentos amigaveis dos dois povos, lembrou-o o rei de Inglaterra, recordando a assignatura do primeiro tratado ha 100 annos e de um outro firmado como este em Windsor. Pela sua parte, o chefe de Estado portuguez alludindo a esse tratado, com muita dignidade frisou a lealdade com que correspondemos sempre a elles, como no tempo em que com os inglezes entrámos em campanha.

Para o resultado brilhante a que se chegou na alliança com a Grã-Bretanha, e que nos reserva uma situação especial no concerto europeu, trabalharam mais ou menos desde 1890, todos os ministerios que teem passado pelo poder, mas imperdoavel seria deixar de registar aqui, n'esta rapida resenha dos acontecimentos da quinzena, o nome de quem pela sua posição especialissima, pelos primores do seu trato individual como das suas qualidades de diplomata e de portuguez, a todos os outros se impõe, o nome do ministro de Portugal em Londres, o sr. marquez de Soveral, e ainda como justa homenagem de apreço, o trabalho valioso, a collaboração intelligentissima e erudita do escriptor illustre e do funcionario distin-

tissimo que dirige na secretaria dos estrangeiros os negocios diplomaticos e politicos, o conselheiro Souza Monteiro que por mais de uma vez tem honrado estas columnas com as suas produções litterarias.

N'este numero damos o retrato do marquez de Landsdowne, o ministro dos estrangeiros da Grã Bretanha que juntamente com o sr. conselheiro Eduardo Villaça, firmou o tratado, ao qual, a crer nas informações officiosas será ainda o prologo de novas ententes entre os dois governos, sob o ponto de vista commercial e politico. Assim seja!

A politica interna nos ultimos dias tem-se revolucionado um pouco. Os actos de alguns dos ministros teem levantado forte opposição e n'esse ralhar de comadres, descobrem-se como sempre muitas verdades. Não entraremos na lucta. Espectadores imparciaes, e simples chronistas dos acontecimentos, d'elles pretendemos apenas pôr em relevo ou o valor de uns ou o ridiculo de outros. Tudo isso faz prever que não será destituída de importancia a proxima sessão legislativa, depois, é claro, do appello aos collegios electoraes, porque em janeiro tudo leva a crer, a sessão morrerá... á nascença...



Conselheiro José Julio Raposo de Carvalho

† em Lisboa, a 15-11-904



D. Maria — *A pedra de toque*. **D. Amelia** — Recitas da companhia franceza: Le Bargy, Hading, Grand. O violonista Kubelik. **Trindade** — *O Boccaccio*. **Gymnasio** — *Sua Ex.^a Avenida* — *Fausto o Petiz*. **Rua dos Condes** — *Principe Real* — *Colyseu dos Recreios*.

A pesar de não ser a obra prima de Augier e Sandeau, a *Pedra de Toque* tem sido o prato de resistencia no theatro de **D. Maria**. Não só o fundo moralista da peça, os traços de observação real e profunda que a atravessam, os encantos que a revestem, e as notas delicadas e sentidas que das suas principaes scenas resaltam, teem contribuido para o exito de todas as noites, mas tambem a correcção e apuro do desempenho, confiado aos principaes artistas, fizeram reviver com brilho e resurgir triumphantemente do passado o drama firmado por dois dos mais gloriosos nomes da litteratura franceza, o primeiro dos quaes é o mestre incontestado que na segunda metade do seculo XIX mais illuminou o theatro parisiense.

Pode considerar-se hoje um tanto ingenuo esse drama, é certo, não são já os mesmos os effectos theatraes que hoje se procuram, pode a critica considerar excessivamente carregada a figura principal que n'aquelle meio se move, mas os toques delicados, a elevação da linguagem, o *savoir faire*, a sciencia do theatro, em summa, illuminam a obra, n'uma harmonia de cores tão simples e tão va-ta, que deixariam logo adivinhar os nomes dos auctores, se lá não estivessem a subscrivela.

Dois artistas se salientam no desempenho: Ferreira da Silva, que ao bohemio de largo coração emprestou todos os recursos do seu talento e da sua arte, e Luiz Pinto, o musico genial e pobre, cujo caracter a riqueza subita altera por completo, e que venceu com exito difficuldades que seriam para outro insuperaveis.

Registou a critica com applauso a estrela de mais uma discipula do Conservatorio, Jesuina Motili, que abona os credits recentemente conquistados por aquella casa de ensino artistico, que diz muito bem, está á vontade em scena, sabe contrascenar como se já fosse artista experimentada, e que se revelou em summa, n'esse papel de pouca importancia, uma esperanza e uma promessa.

Da versão da *Pierre de Touche* inutil é falarmos, porque o sr. Mello Barreto põe sempre tanta consciencia litteraria n'este genero de trabalhos, que basta o seu nome á frente d'elles para garantilos.

Não confessar que o theatro de **D. Amelia** foi o centro *chic* da sociedade de Lisboa na ultima quizenza, seria uma imperdoavel omissoão. A elegancia tendo á frente a sua sacerdotisa maxima, S. M. a rainha Regente, deu-se ali *rendez-vous* todas as noites. Só o visconde de S. Luiz Braga tem o condão especial de preparar este exito triumphal do mais intellectual e artistico de todos os *sports*. Só a sua vara magica de empresario é capaz de fazer desfilar celebridades pelo palco do seu theatro, n'uma serie maravilhosa, como que para demonstrar que o Paris culto, o Paris artistico, e Paris sonhado por muitos que o não conseguem ver, se pode exhibir, ali, á vista de todos, na apertada scena de um theatro de Lisboa.

A Hading, Le Bargy, Grand! Mas não são porventura estes nomes uma propriedade authentica do moderno Paris, productos *exquis* e estremecidos, da grande cidade intellectual? Não são elles figuras culminantes do theatro parisiense, artistas predilectos do publico exigente, consagrados pela mais alta e rigorosa critica!

Pois deante dos nossos olhos, dias a seguir, atravessaram elles a scena portugueza, dando-nos da grande arte modelos, attitudes, lições que a muitos devem aproveitar, maneiras de dizer e de ouvir, sciencias de contrascenar, naturalidade de gestos, e sobre todos os dois primeiros grandes artistas, que por vezes, taes revelações de talento, exhibem, que elles bastam para espalhar por todo o mundo que percorram a gloria, o brilho e a grandeza do theatro francez.

E' tarde para fazermos incidir uma apreciação demorada sobre as varias peças com que se nos mostrou a companhia franceza. Exceptuando a *Retour de Jerusalem*, todas ellas eram nossas conhecidas, e, n'estas, o confronto de desempenho com outros artistas, mais facilitaria a missão de quem quizesse levar a todos os limites da observação a imparcialidade e a justiça. Se sobre cada uma d'ellas quizessem frisar o nosso modo de ver e de sentir, com relação ás interpretações dos artistas francezes, alongar-nos-iamos por forma incompativel com o espaço destinado a esta secção. Portanto vimos hoje aqui com o fim unico de accentuar que não é possível representar melhor de que representou Le Bargy no *Demi Monde*, no *Retour de Jerusalem*, no *Marquez de Priola*, no *Luthier de Cremona*, e que, não sendo Jane Hading uma estrella de primeira grandeza, com as primeiras se confunde por vezes, como nas scenas adoraveis da *Castellã*, nos proverbios de Musset, nos segundo e terceiro acto do *Retour de Jerusalem*, no *Sapho* e em quantas, finalmente, se ostenta a grandeza incomparavel

e graciosa de sua plastica, a maravilha das suas attitudes esculpturales, a eloquencia dos seus olhos, o seductor encanto da sua voz, e a suggestão do seu talento no sublinhar das phrases intencionaes.

A estes dois grandes artistas, a Grand, que na ordem se lhe seguem, e a alguns outros ainda da *troupe* que durante algumas noites gloriosas nos encantou, fez inteira justiça o publico de Lisboa, accentuando ora com o seu silencio ora com o seu sorriso as passagens mais importantes dos seus papeis, e dando-lhes a elles a convicção de que Lisboa já não é uma cidade propriamente de... hottentotes.

E essa mesma impressão sentiu a depois esse juvenil artista já famoso, o grande Kubelik, que viu todo um publico suspenso da sua *virtuosidade*, arrebetado pela sua arte, confundido com o seu sentimento pelo poder invencivel do genio.

Peças novas não nol-as dão na quizenza decorrida os outros theatros de Lisboa.

A **Trindade** está em pleno regimen do velho *Boccaccio*, revivido pela graça de Queiroz e de Amelia Barros. nos seus antigos papeis, e dando-nos impressões novas, pelo desempenho de Dolores Rentini, que é uma deliciosa Beatriz e de Georgina Cardozo, que é a protagonista. Mattos, que, regressado do Brasil, escolheu para seu reaparecimento o comico papel do hortelão, e Gomes que teve de arcar com as difficuldades do personagem creado pelo actor Augusto, dão todos elles vida nova á linda opereta de Supplé, que a empresa poz em scena com propriedade e brilho.

E' ainda a ressurreição da peça, que está satisfazendo o paladar especial do publico do **Gymnasio** *A casa de Gervasio*, como á *comédie* se chama a *casa de Molière* vive ainda do espirito incomparavel d'este original humorista, tão cedo arrancado á vida. Se não veja-se depois da *reprize* do *Commissario de policia*, que ainda deu boas enchentes; lá temos tido *Sua Ex.^a* com que ha mais de vinte annos rimos a bandeiras despregadas, e que nem sequer n'um dito envelheceu ainda. E' que tambem o Valle é o mesmo conselheiro Pombo, com a mesma graça, como se por ella não passassem os annos, dando o mesmo relevo comico ao comico personagem, tirando effectos como d'antes, fazendo-nos esquecer por completo do tempo corrido sobre a graciosissima comedia do seu escriptor favovito. Lá temos emfim, além de Barbara, no seu antigo papel, o Telmo, e a Jesuina Saraiva e a Palmyra Torres, e os nov s que progridem, e quantos dão, em summa, á engraçada comedia de Gervasio um novo brilho, como se ella remtasse, e ali estivesse, a dois passos, o autor prestigioso a colher tantas palmas como as que lhe deu um publico entusiasmado, na primeira noite, ha uns bons vinte annos!

Tambem o **Avenida** se está fazendo em *reprises* depois do *O homem da Bomba* o *Fausto o Petiz*, que ha obrigação de ver, quanto mais não seja para admirar Palmyra Bastos, no seu elegantissimo *travesto*, em que o travesso e amavel *Mophisto* encontra uma encarnação nova, com mais *saiero*, com mais encanto, com mais talento.

Etelvina Serra é uma formosa *Margarida*, com as suas loiras tranças, o seu adoravel fio de voz, a sua já reconhecida aptidão para a scena.

Alfredo de Carralho é deveras comico no papel de Valentim, a que elle dá um soberbo relevo. Está posta em scena com um luxo desusado, e tantos motivos sobejam para se justificar o exito excepcional do *Fausto o Petiz*.

Teve a **Rua dos Condes** com longo repouso com o fim de se fortalecer e apromptar para pôr em scena com brilho a magica do sr. Sousa Rocha *Cem mil diamantes*, da qual no proximo numero nos occuparemos.

E no **Principe Real**? Revista e mais Revista. E, para que precisa a empresa substituil-a, se, graças ao *Anno em tres dias*, passamos para o cofre do camaroteiro as Minas da California? E lá vem outra vez o talho de foice o **Colyseu dos Recreios** para fecharmos com chave de ouro. Não se passam duas noites que uma novidade de sensação não surja na vasta arena da rua de Santo Antão. O cyclista, unico no seu genero, e os excenticos musicaes, que tamanho agrado causaram, são as duas ultimas. E assim, como se não hade todas as noites encher o vastissimo circo! Ainda o publico, de uma novidade não está repleto, e logo outra a attrahil-o e empolgal-o. São realmente injustos os que attribuirem á noite e não ao... geito, o exito da empresa.

Oliveira do Hospital



Um enterro na Beira



Em dia de feira